

\* \* \*

RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários. Arquivos do sonho operário*. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 439p.

*Res. por Fernando César Teixeira França<sup>1</sup>*

Há no interior da sabedoria da Grécia Arcáica uma máxima que afirma ser o sono irmão da morte. A noite, mais que o ancestral, medo das trevas, traria consigo a lembrança da finitude da vida. Como que ao dormir – ato

1 Pós-graduando em História Social, DH –FFLCH/USP.

imprescindível da vida que repõe as energias perdidas – a morte se fizesse presente através da presença de seu irmão O SONO. Talvez por isto mesmo, permaneça uma certa tensão, já que recusamos cair simplesmente nos braços de Hipnos, ao mantermos, mesmo dormindo, uma ligação com nossa atividade vital. Este elo é dado pelo sonho, que invade o terreno da quietude do irmão da morte e instala um princípio de vida. Segundo Sigmund Freud, o sonho é uma realidade cuja interpretação possibilitaria o conhecimento do inconsciente; o conteúdo manifesto do sonho, recordado vagamente pela manhã, é diferente dos pensamentos latentes do sonho. Na verdade, este conteúdo manifesto do sonho é o substituto, se bem que deformado, dos seus pensamentos inconscientes. Há no sonho portanto, a manifestação dos desejos inconscientes do sonhador, que ao passar para o estado consciente da vigília realiza uma deformação de seus conteúdos. Apesar dos séculos que separam Freud dos antigos há uma proximidade quanto a maneira de tratar o sonho: para ambos, os sonhos representam uma afirmação de desejo, de um impulso de vida –, mesmo que seu conteúdo manifesto contenha a autodestruição.

Jacques Rancière em A Noite dos Proletários põe no centro de suas preocupações não exatamente a miséria dos corpos esgotados pela exploração –, não há metáfora no título deste livro, mas a memória das noites que escaparam da sequência habitual de trabalho e descanso. Como o próprio autor alerta, esta interrupção da ordenação temporal no mundo do trabalho – momentos de atividades produtiva intercalados por instantes de reprodução da força de trabalho – é quase imperceptível. São nestas noites de estudos, conversas e embriaguez, que se prepara, que se sonha de olhos abertos uma sociedade nova. "A transformação do mundo começa no momento em que os trabalhadores mais deveriam desfrutar do sono tranquilo daqueles que têm um trabalho, que não os obriga a pensar"(p.9). Na tentativa destas pessoas em subverter a hierarquia que separa aqueles que vivem do trabalho de suas próprias mãos, dos privilegiados, que desfrutam o exercício do pensamento, Rancière enxerga a demonstração candente de um desejo: os proletários buscam mostrar aos outros e a si mesmos, que são seres cujas preocupações transcendem salários ou tempo de trabalhos e acabam por tocar a necessidade de outras vidas dentro da vida laboriosa. Esta transformação nos modos dos operários se representarem carrega já projetos do insuportável. É neste sentido que Rancière recupera textos; em verso e em prosa, cartas e jornais operários produzidos por algumas dezenas de operários, que, por

volta de 1830 tinham vinte anos –, sem encará-los como fugas idílicas do pesadelo opressor das oficinas.

O autor faz esta opção sem precisar se desculpar "por ter sacrificado a majestade das massas e a positividade de suas práticas aos discursos e às quimeras de algumas dezenas de indivíduos 'não representativos'" (p.12). O objetivo do autor não é abranger a vida desta generalidade, um tanto vaga, denominada A CLASSE; mas esquadriñar e dialogar com os desejos; propostas efetivas que foram produzidas por não mais que algumas centenas de proletários nas noites subtraídas do sono restaurador da força de trabalho. O livro todo é atravessado por duas questões que lhe confere uma certa unidade: "através de que desvios esses trânsfugas desejosos de se libertar da sujeição da existência proletária, paradoxalmente conseguiram criar a imagem e o discurso da identidade operária? E que novas formas de mal-entendidos vêm afetar essa contradição, quando o discurso dos proletários apaixonados pela noite dos intelectuais encontra o discurso dos intelectuais apaixonados pelos dias laboriosos e gloriosos do povo?"(p.12). Questão tanto mais curiosa –, posto que se desdobra em duas direções. No sentido de interrogar as relações contraditórias e, por vezes conflituosas, entre estes proletários da noite e os profetas de um mundo novo, que povoaram as utopias do século XIX –, saint-simonianos, icarianos ou fourieristas. Mas também, no sentido de interrogar nossas práticas teóricas e suas possíveis relações com o mundo do trabalho. O conflito surge sobretudo porque estes proletários, seduzidos pela palavra destes pensadores, que proclamam a possibilidade de uma nova ordem social, percebem que seus pregadores prediletos exergam a vida nascendo nas manhãs do trabalho novo, isto é, "querem fixar seus fiéis à boa identidade de soldados; do grande exército militante e do protótipo do trabalhador do futuro" (p.12). Assim sendo, a esfera do trabalho permanece como referencial privilegiado para se pensar o novo.

Antes de tomar partido e nos armarmos para esta discussão, vale atentar para uma das percepções que esta investigação das noites proletárias suscitou: que "essa preocupação exagerada em preservar a pureza popular, plebéia ou proletária" faz com que o pensamento científico ou militante atribua às influências maléficas do pequeno-burguês, idéologo ou pensador, a origem dos problemas, que se estabelecem e que perturbam as relações harmoniosas entre a consciência manifesta dos operários manifestam e a pretendida identidade construída pelo teórico para o seu objeto, ou seja, o proletariado. Rancière avança no sentido de propor que a idéia destas "influências maléficas", desviadoras da ação e da consciência de classe, poderiam ter sido forjadas pelos próprios

intelectuais, ciosos de não deixarem estes "filósofos da noite" invadirem o terreno no qual com tanto esforço construíram seu monopólio e hegemonia – a teoria. Conclusão surpreendente, se lembrarmos que Rancière pertenceu ao círculo estruturalista nos anos 60, sendo co-autor de Para Ler O Capital junto com Louis Althusser. Aliás, se percorremos as notas e citações, perceberemos que Rancière demonstra ter usado somente falas de dezenas de operários que se indagaram da miséria moral e material da sociedade industrializada, bem como dos limites das missões, que os profetas saint-simonianos, fourieristas e icarianos lhe atribuíam. Os textos são lidos e interpretados sem a utilização de um modelo teórico acabado, seja a priori, comandando a escolha e a fragmentação documental, seja a posteriori, dando a caracterização das afirmações e mostrando em que estágio do processo de conscientização se situam. Não se percebe também, nenhum uso direto da historiografia, isto é, Rancière não se preocupa em dialogar com os teóricos e historiadores que se debruçaram sobre o tema das seitas utópicas na Europa do XIX. Ele retoma um velho objeto (classe operária na França do XIX) através da fala dos próprios trabalhadores –, uma inovação na escolha documental portanto.

"Não se trata exatamente de raspar as imagens segundo os usos conhecidos: a velha pompa política, desmascarando a realidade dolorosa que, sob o verniz das pontuas heróicas, convida a ver circular o sangue de uma vida mais selvagem e mais tranquila ao mesmo tempo: não se trata de raspar as imagens para que o verdadeiro apareça, mas fazer com que se mexam para que outras figuras possam ser compostas e decompostas" (p.23). A opção de usar uma metodologia de leitura que não opere por "raspagem", isto é, por retirar, com instrumento adequado, parte da superfície aparente, a fim de visualizar o real conteúdo não manifesto, latente –, tem como principal objetivo atacar a "velha pompa política" e a "modéstia historiadora". A motivação principal do trabalho de Rancière é captar os jogos de dominação e resistência nos gestos cotidianos da oficina e nos regulamentos da fábrica e, sobretudo, sua expressão onírica de recusa e crítica, do que existe como proposição de um outro social. Ou seja, recuperar, ao mesmo tempo, "a materialidade da relação entre as classes e a idealidade de uma cultura combativa" (p.24). Sem dúvida, representam ecos do trabalho de E. P. Thompson, que acabaram por atravessar o Canal da Mancha e influenciar também a nova historiografia francesa sobre o movimento operário. Caberia indagar se este desejo de preservar a autonomia de uma palavra e de uma prática operária passa pela recusa radical de uma metodologia de leitura que vê no trabalho da interpretação o desvendar de um conteúdo latente sob a aparência manifesta. Se a resposta for afirmativa, devemos examinar, com atenção especial, qual o método de interpretação adotado pelo autor.

"Não é que sejamos partidários da afetação daqueles que denunciam a tirania da verdade"(p.24). Pois bem, o autor sabe que não pode romper, por um mero ato volitivo com estas categorias interpretativas que, desde Marx, Nietzsche e Freud dão a especificidade de nossa maneira de pensar. Segundo estas categorias, o olhar do intérprete opera sobre a superfície aparente dos fenômenos por meio de uma "raspagem" em busca dos significados ocultos sob esta capa. Não se trata de ir contra uma aparência de ser ou de desqualificar a ilusão aparente face à realidade oculta do ser, mas de vislumbrar um sintoma –,ver já no aparecer um sintoma, a manifestação visível do conteúdo verdadeiro que subjaz latente. Fica deste modo criado o caminho possível para se atingir níveis mais profundos de conhecimento. Esta forma de pensar ganhou rigor teórico no século XIX e passou para o século XX como um dos nossos mais preciosos legados: tanto no sentido de que abriu caminhos muito ricos para análise, quanto no sentido oposto, ou seja, de nos conduzir a grandes impasses. A ponto de, alguns pensadores, colocarem em xeque a legitimidade da própria razão como instrumento de emancipação, dada sua dimensão perscrutadora que termina por ser absorvida pela dominação. "Mas de tanto raspar o verniz desses selvagens civilizados demais e desses proletários burgueses demais, chega a hora de perguntar: é possível que a busca da verdadeira fala obrigue a mandar calar tanta gente? O que significa esse empenho que tende a desqualificar o palavrório de qualquer fala emitida –, da eloquência muda que não se ouve?"(p.25)

Percebemos que na realidade, Rancière não está preocupado em inaugurar um estilo interpretativo radicalmente novo, a ponto de romper com nossa tradição de pensamento ("Não é que sejamos partidários da afetação daqueles que denunciam a tirania da verdade"). Ele duvida sim, é da legitimidade dos procedimentos adotados pelo intérprete, que acaba por desqualificar "o palavrório" dos outros, mas que, ao mesmo tempo, opera, num registro de "fascinação pela verdade muda do corpo popular". Estranha modéstia esta do historiador que coloca a existência operária como a refutação mais candente do **status quo**, mas que se preocupa muito mais, ao fazer esta descida ao inferno da exploração no trabalho, em corrigir a miopia de sua visão, adquirida "de tanto contemplar o céu das idéias".

"Nessa moderna fascinação pela verdade do corpo popular, na guerra há tempos declarada a todos aqueles – 'intelectuais desclassificados', 'ideólogos pequeno-burgueses', 'mestres pensantes' – que pervertem sua verdade nativa com suas certezas raciocinadoras, com suas lágrimas de compaixão; com dedos em riste e mesmo com arrependimentos por participar da obra de perversão, não haveria ainda uma maneira de garantir a partilha que dá ao pensador sua legitimidade pelo próprio viés de sua culpabilização?"(p.25). Qual o lugar que

garante a especificidade da fala do intérprete? De onde ele fala? Qual a relação que sua fala mantém com a recuperação da prática e do pensamento vividos cotidianamente? Por trás destas perguntas, Rancière percebe o sentimento de culpa daquele que confere dignidade e esperança ao "corpo popular", mas que acaba mantendo a partilha, que o coloca na posição privilegiada de instrumentalizador do pensamento. Nós sabemos que nas quase sempre conflituosas relações entre a classe e os intelectuais, a dominação conseguiu se manter na via aberta por esta partilha. Em alguns momentos admite-se a necessidade do auxílio da ciência para por em movimento a incapacidade do trabalhador em conhecer e transformar sua situação. Em outros, a ciência envergonhada reverencia "a vedade dolorosa do corpo popular", mas, após, o cerimonial, retoma os seus direitos que lhe permite delimitar a fronteira entre o saber e a ignorância.

"Mais sutil e menos angustiado, nosso desejo de que cada um fique no seu lugar, se expressará mais discretamente: na insistência em julgar – conforme o caso – os gestos dos trabalhadores muito mais cultos do que seus discursos, sua disciplina mais revolucionária do que suas exaltações, suas risadas mais rebeldes, do que suas reivindicações, suas festas mais subversivas, do que seus motins, enfim, sua fala, tanto mais eloquente, quanto mais muda for e sua subversão, tanto mais radical, quanto mais imperceptíveis forem as marcas deixadas na superfície da ordem cotidiana. A esse preço os deuses estão na cozinha, os operários são os nossos mestres e a verdade mora no espírito das pessoas simples".(p.27) Discreto, Rancière sabe que apesar da cumplicidade do pensamento com a dominação, esta não deve conduzir à inatividade ou ao irracionalismo. A saída proposta por ele pra o drama do intérprete acaba invertendo a secular hierarquia entre vida laboriosa e vida contemplativa. Mergulhado no mundo do trabalho e procurando colocar-se –, não acima, mas ao lado do "corpo popular" –, sem pretender dissolver os problemas trazidos por sua formação e condição de intelectual, Rancière aposta numa história que assuma educar-se com o fermento intelectual produzido por esses operários sonhadores, tagarelas, versificadores, racionalizadores e sofisticadores. Nas noites subtraídas ao sono que serve para revitalizar a força de trabalho, conseguem refletir sobre o desejo universal de emancipação com os pés plantados na particular realidade cotidiana da dominação capitalista.

"Será a sua vez de entender que os operários contribuem mais para a riqueza cultural da humanidade com seus trabalhos diurnos, do que com o fruto de suas vigílias e que eles têm tudo a ganhar abandonando suas "elucubrações" –, - palavra com a qual os pensadores e os escritores profissionais desqualificam facilmente a obra dos que escrevem no pequeno espaço de tempo, que separa a

sujeição ao trabalho da sujeição ao sono."(p.28) No bojo desta inversão de papéis há quem veja o sentimento de culpa do intelectual, que tantas vezes submergiu o "fazer-se de classe" em algum modelo derivado do "desenvolvimento das forças produtivas". Este apagada da vida da "classe" na vida particular dos conceitos dentro dos modelos teóricos. É bem provável que isto ocorra. Contudo, estas considerações não visam a afastar o interesse pelo livro de Rancière. Ao contrário, devemos lê-lo dedicando uma especial atenção à maneira como o autor conduz a leitura dos documentos e à recuperação das práticas vividas. O uso dos textos pela reflexão merece ser examinado. Há momentos até, no qual a análise, sem esquecer do rigor, atinge tintura poética. No final das contas, a grande inovação da historiografia contemporânea não tem sido esta: uma sofisticação na maneira de ler interpretar?

Fernando Cesar Teixeira França